

17º CONGRESSO  
**BRASILEIRO**  
DE APICULTURA  
E 3º DE MELIPONICULTURA

## SIMPÓSIO: CONHECIMENTO TRADICIONAL E MELIPONICULTURA

### Uso Tradicional dos Produtos das Abelhas Indígenas Sem Ferrão (Apidae: Meliponini) no Estado do Pará, Amazonas e Amapá.

**Giorgio C. Venturieri**  
Pesquisador  
Embrapa Amazônia Oriental  
[giorgio@cpatu.embrapa.br](mailto:giorgio@cpatu.embrapa.br)

#### Introdução

Antes da introdução da abelha *Apis mellifera*, as populações indígenas da América do Sul conheciam e utilizavam os produtos das abelhas sem ferrão. O mel, naturalmente rico em açúcares, é um alimento altamente energético e muito agradável ao paladar; o saburá (nome dado ao pólen processado pelas abelhas) é rico em proteína e utilizado na fermentação de bebidas; o cerume (mistura de cera com resina) e a cera são utilizados para encerrar fios de algodão aumentando a sua durabilidade, dar acabamento em pontas de flechas e lanças, na fabricação de adornos cerimoniais, na calafetagem de canoas e na fabricação de diversos outros artefatos. Embora exista uma extensa utilização destes produtos na cultura indígena sul-americana, são raros os relatos de uma meliponicultura mais elaborada, que utilize caixas especialmente desenhadas para esta atividade.

#### Material e Métodos

São relatados casos de uso de abelhas indígenas sem ferrão nos Estados do Pará, Amazonas e Amapá. Os casos aqui expostos resultam de diversas viagens realizadas a comunidades de agricultores tradicionais do interior da Amazônia, Flecheira em Tracuateua, (PA), Cocal do Tauá em Santo Antônio do Tauá (PA), Humaitá (AM) e Aldeia Kumenê no Oiapoc (AP). Estas viagens foram realizadas entre os anos de 2000 a 2007. São descritas as espécies o uso de seus produtos e forma de criação.

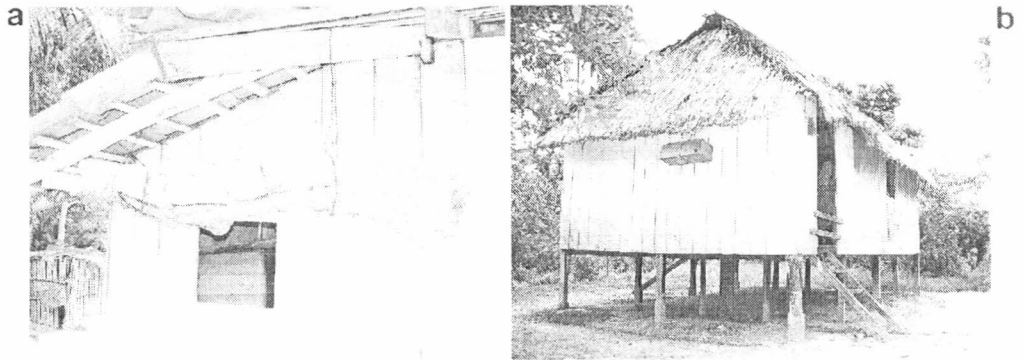
#### Resultados e Discussão

Infelizmente ainda é muito comum a exploração de ninhos naturais, onde árvores são derrubadas para a retirada do mel pelos chamados meleiros. Nestes casos o mel é o único produto explorado, é de baixa qualidade, contaminado por restos de detritos do ninho, serragem, areia, pólen e suor.

Na região nordeste do Pará, em regiões de manguezais, coletores de mel mais experientes costumam procurar por ninhos de abelhas uruçú-cinzenta (*Melipona fasciculata*) durante a noite, de forma semelhante ao que os índios Kaiapós realizam (Camargo e Posey,

1990). Este tipo de exploração acontece especialmente entre os meses de setembro e dezembro, quando existe grande quantidade de mel armazenado. Muitos ninhos localizam-se em árvores de siriubeira (*Avicennia germinans* - Verbenaceae). Nestes casos o mel pode ser explorado ou apenas coletado o ninho. No caso da coleta do ninho o tronco é cortado e transferido com a colônia em seu interior para próximo de habitações. Os troncos são posicionados na horizontal e incisões são realizadas para a contínua exploração (Fig. 1a). Alguns criadores costumam fabricar caixas de marupá (*Simarouba amara* - Simaroubaceae), madeira leve e resistente a cupins. Estas caixas são simples, sem divisões internas e com a largura dependendo da tábua disponível (Venturieri et al. 2004). Nos municípios de Tracuateua e Bragança muitos realizam divisão dos seus enxames e protegem as abelhas contra inimigos naturais vedando a caixa com argila umedecida. Esta prática protege dos principais inimigos naturais da região, formigas tracuás (*Camponotus abdominalis* - Formicidae), dípteros forídeos (*Pseudohyocera kerteszi* e *Megaselia scalaris* - Phoridae) e abelhas pilhadoras dos gênero *Trigona* e *Partamona*.

No município de Santo Antônio do Tauá foram observadas pessoas praticando métodos chamados de semidomésticos, onde ninhos, depois de explorados, são deixados parcialmente no interior da árvore, para que a colônia se restabeleça e possa ser explorada em anos subsequentes. Para isso, uma espécie de tampa é aberta com o uso de machado ou motosserra, após a retirada do mel e outras partes do ninho, a tampa é recolocada, vedada com argila e amarrada com cipós ou fibras vegetais retiradas de cascas de determinadas árvores conhecidas como enviras. Método semelhante foi descrito por (Coletto-Silva, 2005).



**Figura 1.** Métodos de criação tradicional. **a.** "cortiço" no município de Tracuateua, Pará; **b.** Caixa rústica em casa de palafita em Humaitá, Amazonas.

Na Aldeia Kumenê, PIN Palikur, Terra Indígena Uaçá, Município do Oiapoque-AP, os índios costumam alimentar-se do mel, pólen e crias das abelhas; o cerume é utilizado no acabamento de pontas de flechas e arpões utilizados na pesca e caça de jacarés. Como os índios Palikur vivem em pequenas ilhas espalhadas sobre extensa área alagada, com o passar dos anos a sucessiva exploração dos ninhos provocou a diminuição das populações naturais de meliponíneos. Nos últimos anos, com o apoio da Embrapa e da TNC, deu-se início um programa de incentivo a criação destas abelhas, restabelecendo a disponibilidade dos recursos utilizados pela cultura Palikur e as populações de abelhas indígenas sem ferrão.

Em toda a Amazônia o método tradicional mais encontrado é o de criação em caixas retangulares, que são penduradas em beirais de residências e outras edificações rurais (Fig. 1b). Destas caixas os potes de alimento são retirados manualmente. Atualmente o principal produto da meliponicultura tradicional é o mel, que é comercializado informalmente devido à falta de regulamentação e a baixa qualidade do produto, muitas vezes fermentado e creio de impurezas.

Nos últimos oito anos, houve uma grande expansão da meliponicultura em vários municípios da Amazônia, que foi ocasionada pela divulgação de métodos de criação racional, que utiliza caixas verticais moduladas que facilitam a colheita higiênica dos produtos da colmeia e a multiplicação dos enxames (Assis, 2001; Oliveira, Kerr, 2000, CARVALHO-ZILSE et al., 2005; VENTURIERI, 2004). Esta metodologia foi divulgada através do treinamento extensivo a criadores, técnicos e estudantes, resultando em grande adoção por parte dos criadores da Amazônia.

## Bibliografia

- ASSIS, M. da G. P. de A. **Criação prática e racional de abelhas sem ferrão**. Manaus-AM INPA, 2001. 46p.
- CAMARGO, J. M. F.; POSEY, D. A. O Conhecimento dos Kayapó Sobre As Abelhas Sociais Sem Ferrão (Meliponinae, Apidae, Hymenoptera): Notas Adicionais. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**. Zoologia, v. 6, n. 1, p. 17-42, 1990.
- CARVALHO-ZILSE, G. A.; NUNES-SILVA, C. G.; ZILSE, N.; VILAS-BOAS, H.; COLLETO-DA-SILVA ; LARAY, J. P ; FREIRE, D. da C. B.; KERR, W. E. **Criação de abelhas sem ferrão**. Manaus: Edições IBAMA, 2005. v. 1. 27 p.
- COLETO-SILVA, A. Captura de Enxames de Abelhas Sem Ferrão (Hymenoptera, Apidae, Meliponinae) sem Destruição de Árvores. **Acta Amazonica**, Manaus-AM, v. 35, n. 3, p. 385-390, 2005.
- OLIVEIRA, F.; KERR, W. E. **Divisão de uma colônia de jupará (*Melipona compressipes manaosensis*) usando-se uma colméia e o método Fernando Oliveira**. Manaus. AM INPA, 2000. 10 p.
- VENTURIERI, G. C. **Criação de abelhas indígenas sem ferrão**. 1. ed. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2004. 36 p.
- VENTURIERI, G. C.; RAIOL, V. F. O.; PEREIRA, C. A. B. Avaliação da introdução da criação racional de *Melipona fasciculata* (Apidae: Meliponina), entre os agricultores familiares de Bragança, PA, Brasil. **Biota Neotropica**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-7, 2003.